

No fim, presidente prevê um aumento dos conflitos

Teodomiro Braga

Nova Iorque — Ao fazer um balanço de sua viagem de cinco dias aos Estados Unidos, encerrada ontem, o presidente Sarney afirmou de forma categórica que o Brasil não mudará suas posições em relação à negociação da dívida externa e previu o crescimento dos conflitos internacionais do país não apenas com os Estados Unidos mas também com outros países desenvolvidos. "Acho que cumpri o meu dever", disse o presidente ao comentar a firmeza com que defendeu as posições do Brasil em seus encontros com as autoridades norte-americanas.

O presidente Sarney também advertiu que os países devedores da América Latina, reunidos no chamado "grupo de Cartagena", poderão adotar uma reação em conjunto se forem prejudicados por mudanças significativas na economia mundial, como uma nova elevação das taxas de juros internacionais. As últimas declarações do presidente Sarney antes de embarcar de volta ao Brasil demonstram que a falta de receptividade dos Estados Unidos em nada modificou a estratégia brasileira de renegociar a dívida externa diretamente com os bancos credores, sem a participação do FMI.

"O Brasil vai manter o seu próprio caminho e não fará qualquer tipo de acordo com o FMI", garantiu Sarney, insistindo que não haverá "mudança de rota" do país nessa questão.

Demonstrando cansaço mas visivelmente satisfeito, o presidente Sarney recebeu os representantes dos quatro jornais principais do país (JORNAL DO BRASIL, o Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e o Globo) e mais o correspondente em Brasília da agência UPI, para uma conversa em seu apartamento no Hotel Intercontinental sobre os resultados de sua agitada viagem aos Estados Unidos.

Embora sem se referir diretamente aos desentendimentos com os Estados Unidos sobre a questão, Sarney chegou a usar um tom veemente ao reafirmar a posição brasileira de tentar fazer uma renegociação global de sua dívida sem se submeter a um acordo com o FMI, como

querem as autoridades governamentais americanas. "Nós temos que renegociar a dívida externa agora e precisamos sensibilizar os credores para ter uma conversa séria. A posição do Brasil em relação ao FMI é muito clara: o país já escolheu o seu próprio caminho e recusamos a ortodoxia em favor do crescimento econômico."

Lembrou que, quando assumiu a presidência, encontrou pronto o esquema deixado pelo governo anterior para fazer o acordo com o FMI, contando que o próprio presidente Tancredo Neves foi submetido a uma série de pressões em sua viagem aos Estados Unidos, realizada algumas semanas antes da data da mudança de governo. "Mas a nossa opção foi em favor do crescimento pois a fórmula ortodoxa para solucionar os problemas do país havia jogado o Brasil na maior recessão de sua história. Achamos que este caminho está certo."

"Não podemos fazer uma avaliação da viagem como se fôssemos dar notas", queixou-se o presidente.

Ele não se mostrou preocupado com a dimensão dada pela imprensa aos desencontros entre o Brasil e os Estados Unidos. Ao contrário, previu uma ampliação dos conflitos internacionais do país daqui para a frente. "Agora, à proporção que o Brasil cresce, ocupa maior espaço no contexto mundial, aumentando as áreas de conflito não apenas com os Estados Unidos mas também com a Europa e o Japão", admitiu Sarney, assinalando que os interesses do Brasil não se limitam apenas aos Estados Unidos. Apenas um terço da dívida brasileira é com os Estados Unidos. Os dois terços restantes são com a Europa e o Japão", observou.

O aumento dos conflitos do Brasil com os grandes países do Ocidente, porém, não deverá alterar sua posição no panorama mundial, segundo o presidente: "Estes conflitos, que são localizados, não prejudicam as relações globais do país."

Em entrevista à emissoras brasileiras de televisão, Sarney negou que o Brasil esteja desenvolvendo esforços para fabricar a bomba atômica.

Orações frustradas

Nova Iorque — Um casamento impediu que o presidente Sarney rezasse na conhecida catedral de São Patrício, no último dia de sua viagem de cinco dias aos Estados Unidos. Sarney e Dona Marly ajoelharam, fizeram o sinal da cruz mas tiveram de se retirar segundos depois, quando a noiva despontou no portão principal da igreja e o coral começou a cantar, dando início à cerimônia do casamento. Nem o padre nem os convidados e muito menos os noivos perceberam a presença do presidente brasileiro, que saiu discretamente pela mesma porta lateral por onde havia entrado.

O presidente Sarney e a maior parte da comitiva oficial viajaram ontem à noite de volta ao Brasil, devendo desembarcar em Brasília às 9h30min. Acompanhado de alguns assessores, o ministro da Fazenda Dilson Funaro, permaneceu em Nova Iorque e viaja hoje para Londres, primeira etapa de seu giro pela Europa, onde pretende lançar as bases para a renegociação da

dívida brasileira com o Clube de Paris, organização que reúne os bancos oficiais de financiamento do comércio exterior dos países desenvolvidos.

Depois de quatro dias de intensa programação oficial, a delegação brasileira passou um sábado descontraído em Nova Iorque. De calção e camiseta, o ministro do Planejamento, João Sayad, saiu cedo do hotel para um prolongado cooper em plena Quinta Avenida.

O presidente Sarney aproveitou a folga para visitar a biblioteca pública de Nova Iorque, onde teve a grata surpresa de constatar que o arquivo da biblioteca registrava a existência em seu acervo de quatro de suas obras: os livros "Norte das Águas", "Marimbondos de Fogo", "Parlamento Necessário" e "Governo do Povo". Ele presenteou a biblioteca com seus discursos de posse na Presidência na Assembléia da ONU do ano passado e a edição em inglês de seu livro de contos recém-publicados na Inglaterra.